

Avante!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

**VIVA O 5 DE OUTUBRO!
VIVA A UNIDADE ANTI-FASCISTA!**

Há 50 anos o corrupto regime monárquico, inimigo das liberdades e do progresso nacional, era varrido por uma revolução popular que veio continuar as melhores tradições da nossa história. Lançando-se audaciosamente ao assalto da fortaleza reaccionária, os revolucionários do 5 de Outubro contavam com a sua unidade inquebrantável e com a sua ligação estreita com as massas populares; a vida mostrou que eles tinham tudo o que era necessário para triunfar. Ao passar o 50º aniversário da Revolução Republicana, o «Avante!» saudou calorosamente todos os lutadores anti-fascistas sem distinção e apela para a unificação de todas as forças democráticas na luta por um regime de liberdade. Unidos fraternalmente e ligados ao povo, tal como os revolucionários do 5 de Outubro, os anti-fascistas portugueses alcançaram a vitória!

«Transformemos as espadas em arados!»

**KRUTCHOV RENOVA NA ONU AS PROPOSTAS SOVIÉTICAS DE DESARMAMENTO UNIVERSAL
O COLONIALISMO FEZ A SUA ÉPOCA!**

O POVO PORTUGUÊS ODEIA A GUERRA E QUER VIVER EM PAZ!

Os povos de todos os Países voltam ansiosos as suas atenções para a Assembleia das Nações Unidas onde se trava presentemente uma das maiores batalhas em defesa da paz mundial.

Em resposta ao apelo da União Soviética, chefes de Estado e de Governo de mais de 20 países, juntamente com as delegações de todos os países do globo, na maior concentração de estadistas responsáveis dos últimos anos, debatem com ardor os problemas cruciais da paz e da guerra.

A presença de Nikita Kruschov à frente da delegação soviética mostra a importância que a URSS atribui à questão do desarmamento, à liquidação da terrível ameaça duma guerra atómica e nuclear que pesa sobre a Humanidade, à suspensão total do odioso sistema do colonialismo, ao estabelecimento de relações pacíficas e amigáveis entre todos os povos do mundo, quaisquer que sejam as suas formas de governo e os sistemas sociais por que se regem.

Apesar dos esforços desesperados dos imperialistas, especialmente do governo dos Estados Unidos, que tudo fez para reduzir a importância universal da Assembleia, dificultar o trabalho das delegações dos países socialistas e neutralistas, e impedir a admissão na ONU dos jovens Estados que acabaram de conquistar a sua in-

dependência, a reunião pôde iniciar os seus trabalhos, rodeada do interesse e das esperanças de todos os povos amantes da paz.

«Vivemos numa época turbulenta, porém, magnífica!»

Calorosamente saudado, Kruschov subiu à tribuna da ONU e discursou em nome da delegação soviética. O chefe do governo soviético caracterizou a actual situação internacional mostrando que apesar dos choques e dificuldades a Humanidade pode edificar um futuro radioso se eliminar para

sempre o pesadelo da guerra. Para isso a primeira condição é o acordo dos povos para o desarmamento universal e completo.

Krushov repetiu as linhas gerais do projecto de tratado de desarmamento apresentado por ele à ONU quando da sua visita aos Estados Unidos. O plano soviético comporta 3 fases em 4 anos. Na 1ª prevê-se a destruição dos veículos e engenhos atómicos e nucleares e a proibição do fabrico de novos engenhos; a redução das forças armadas clássicas; a suspensão das bases estrangeiras, o lançamento de foguetões exclusivamente para

fins pacíficos; a redução das despesas militares. A segunda fase prevê a interdição total das armas de destruição em massa e novas reduções das forças armadas clássicas.

A 3ª, prevê a abolição das forças armadas de todos os Estados, a destruição de todas as armas e cessação do seu fabrico, a abolição dos ministérios, estados-maiores e organizações militares e para militares, assim como dos organismos de guerra e a utilização dos respectivos fundos em benefícios dos países subdesenvolvidos.

O plano prevê ainda medidas de (continua na 6.ª pág.)

**INSUPORTÁVEL A CARESTIA DA VIDA
LUTEMOS PELO AUMENTO IMEDIATO DOS SALÁRIOS!
MENOS CANHÕES E MAIS PÃO!**

O nosso povo está a braços com o mais tremendo aumento do custo de vida de que há memória. Enquanto os salários se mantiveram na mesma ou em alguns casos baixaram e a situação geral dos trabalhadores se agravou com o aumento do desemprego parcial e total, os artigos de maior consumo para as classes laboriosas sobem constantemente de preço ou desaparecem do mercado devido às manobras dos grandes especuladores para provocar novos aumentos.

Os próprios dados oficiais, que primam sempre por iludir a realidade, davam para o período que vai de Junho do ano passado a Março deste ano os seguintes aumentos de alguns artigos: legumes verdes e secos, mais de 37%; hortaliças, tubérculos e outros vegetais, mais de 45 por cento; peixe fresco e em conserva mais de 22 por cento, frutas mais de 28 por cento; carne cerca de 2 por cento e vestuário mais de 10%. Mas todos estes «por cento» das

estatísticas oficiais não nos dão o verdadeiro quadro da carestia da vida. São as donas de casa que vêem o seu cabaz de compras cada vez mais mirrado de provisões e o porta-moedas despejado num abrir e fechar de olhos, são as famílias dos operários, empregados e pessoas de modestos recursos que vêem baixar dia a dia o teor da sua alimentação, quem sentem com realismo a verdadeira amplitude do aumento do custo de vida.

Em compensação os grandes financeiros e monopolistas, protegidos e protectores de Salazar, os grandes tubarões acobertados nas Federações, Juntas e Grémios corporativos aumentam escandalosamente os seus lucros, levando uma vida de luxo e ostentação chocante.

Estão no choco novos aumentos do custo de vida

Os governantes dizem que as dificuldades de abastecimento da população e a falta de certos artigos cujos preços aumentaram ou vão aumentar, resultam do «mau ano agrícola» das «condições desfavoráveis do tempo», etc., etc.

Este é um disco já muito estafado. Com ele os salazaristas procuram fugir às próprias responsabilidades do governo.

As causas da carestia da vida são mais fundas e arrastam-se há longos anos. O que os fascistas não se atrevem a confessar é que «o mau ano agrícola» é mais um duma longa cadeia de retrocesso da nossa agricultura. Em dez anos a nossa produção agrícola e pecuária é menos que estagnante.

A baixa global da produção (continua na 2.ª pág.)

DESCONHECE-SE O PARADEIRO

DE FRANCISCO MIGUEL, JÚLIO FOGAÇA E CÂNDIDA VENTURA

Nas mãos dos assassinos da PIDE as suas vidas correm perigo!



Francisco Miguel

Como o «Avante!» já noticiou, foram presos pela polícia salazarista os destacados dirigentes do Partido Comunista, membros do Comité Central, Francisco Miguel e Cândida Ventura. Mais recente-

mente, em fins de Agosto, foi também preso o camarada Júlio Fogaça, membro do Comité Central. Júlio Fogaça é um dos mais antigos militantes do P.C.P. em actividade. Mais de 28 anos da sua vida, 10 dos quais nos cárceres fascistas, foram inteiramente dedicados à luta do nosso povo contra a ditadura de Salazar.

As poucas ou nenhuma informações que até agora nos chegaram são de molde a deixar-nos muito preocupados com a situação destes três patriotas, cuja vida corre sérios perigos nas mãos dos esbirros da PIDE.

Francisco Miguel, Júlio Fogaça e Cândida Ventura têm dedicado o melhor da sua vida à luta contra a tirania do Estado Novo, por um Portugal livre e democrático, para que no nosso País alvoreça cedo a

era do Socialismo. Eles gozam, por isso mesmo, dum grande respeito e carinho entre os anti-fascistas portugueses. No momento difícil que atravessam, a expressão desse respeito e desse carinho deve ser-lhes manifestada por todos os meios ao nosso alcance. Através de cartas, telefonemas e telegramas dirigidos à PIDE, aos ministros do Interior e da Justiça, responsabilizemos a polícia política e o governo de Salazar pelas vidas destes 3 abnegados filhos do povo, exijamos a sua comunicabilidade imediata e a sua libertação, pois que nenhum crime cometeram.

Façamos tudo para impedir que mais crimes e arbitrariedades se pratiquem nas pessoas de Francisco Miguel, Júlio Fogaça e Cândida Ventura.

GES
PCP

Paraquedistas por anúncio QUE NEM UM JOVEM SE ALISTE!

O governo salazarista tem multiplicado pelas mais diversas formas os convites para o alistamento de jovens voluntários para as tropas paraquedistas. Ultimamente o Secretariado da Aeronáutica foi mesmo ao ponto de publicar vistosos e aliciantes anúncios na imprensa diária a fim de atrair a nossa juventude, pelos vistos bastante retraída, como se pôde ler num artigo de fundo de «O Século»...

Nem os anúncios nem os laçaios Pereira da Rosa dizem, porém, a razão destes apelos febris aos jovens portugueses. Não se atrevem a confessar que querem fazer dos nossos jovens, assassinos do povo negro, dos angolanos, guineenses e moçambicanos, não querem dizer-lhes que projectam lançá-los, como portadores da morte, na insólita selva africana onde ao fim e ao cabo acabariam por sofrer a justa ira das populações nativas.

Mas os nossos jovens são já adultos pela consciência, já conhecem bem os desígnios salazaristas. Não é por medo, não, senhores escribas vendidos de «O Século», que os nossos jovens fazem orelhas moucas aos apelos fascistas! A nossa juventude é heróica como toda a juventude. Mas não é um acto heróico massacrar populações indefesas!

Jovens portugueses! Que nem um se aliste voluntariamente nas forças assassinas com que os colonialistas portugueses querem sufocar a luta dos povos das colónias portuguesas pela independência! Que nem um se preste a servir de carne de canhão em benefício dos escravizadores do povo negro!

Insuportável a carestia da vida

(continuação da 1ª pág.)
agrícola e pecuária — produzimos este ano menos trigo, menos milho, menos batata, menos azeite, menos carne que no ano passado — é uma das causas directas da elevação dos preços.

Em 1959 subiu o do azeite mais 2 escudos em litro, a carne de porco tem subido constantemente e agora com as epizootias que dizem os rebanhos verificam-se novos aumentos. A indústria de salicharia luta com falta de matéria prima, quase não se encontra toucinho e entretanto a cotação da carne subiu de 30 por cento em 1959 relativamente a 1958.

Outros artigos essenciais têm subido extraordinariamente de preço. O do bacalhau, ao contrário das afirmações do governo, aumentou de facto, como aliás de todo o pescado. A quantidade do pescado foi inferior em 3 por cento, relativamente a 58, mas isso não obsteu a que o seu valor global fosse 8 por cento mais elevado. Subiu o do tabaco, nos tipos de maior consumo popular e agora mais recentemente o do sabão e do açúcar. A acompanhar a escassez e o encarecimento de alguns géneros são cada vez mais numerosos os casos de mixórdia que são um grave perigo para a saúde pública.

E que dizer do custo da habitação, que, principalmente em Lisboa, sobe de maneira assustadora? Há casos de aumento das rendas de casa, sem qualquer justificação, de 30 e mesmo 50 por cento dum mês para o outro!

E o dos transportes que, especialmente em Lisboa em alguns casos duplicou, provocando a indignação da população citadina e dos arrabaldes?

Será também isto produto do «mau ano agrícola»?...

Não. As causas da carestia residem na política do governo. Os salazaristas não só protegem os grandes especuladores como desviam os dinheiros da nação para fins contrários aos interesses e à vida pacífica do povo. Onde o dinheiro é gasto em canhões e aviões não há dinheiro para o pão e para a habitação dos trabalhadores. O agravamento destas causas de ruína e de fome faz prever novos aumentos no preço dos géneros e artigos de primeira necessidade. É

de prever novos aumentos no pão, no bacalhau, no azeite, na carne e noutros artigos, a continuar uma tal política. E a esta praga só o povo português unido pode pôr termo.

Organizemos a luta!

A luta pelo aumento imediato dos salários é a forma mais segura de lutar contra a carestia da vida. Os operários industriais e agrícolas, os empregados e os funcionários públicos, devem organizar a luta pela elevação imediata dos salários, ordenados e vencimentos. Que nas fábricas, oficinas e campos se organizem concentrações e acções de vário tipo junto do patronato para que os salários sejam aumentados. Que os operários recorram aos Sindicatos e Casas do Povo, aí discutam a sua situação e exijam das respectivas direcções uma acção simultânea junto dos patrões e do Ministério das Corporações. Em toda a parte comissões de união devem ser organizadas pelos trabalhadores. Tais organismos, quando estreitamente apoiados por todos podem desempenhar um importante papel na conquista do aumento de salários.

Mas a luta contra a carestia transcende os locais de trabalho e interessa a toda a população.

As donas de casa podem contribuir decisivamente para fazer recuar a ofensiva dos grandes tubarões do comércio e da indústria se meterem mãos à obra.

Em toda a parte onde se juntam as donas de casa se ouvem lamentos e protestos contra o aumento do custo de vida. Mas não basta lamentar e protestar isoladamente. As mulheres devem tomar a iniciativa de debater em comum, nos vários centros de abastecimento, nos bairros e ruas onde habitam, a carestia da vida.

As mais decididas devem animar as outras, convidá-las a formarem comissões contra a vida cara em cada localidade, bairro ou rua. Todas devem combinar concentrações junto das autoridades locais, Câmaras Municipais, Juntas de Freguesia e outros organismos do Estado, dirigir representações cobertas de milhares de assinaturas ao governo, à Assembleia Nacional, ao presidente da República, reclamando medidas imediatas para aumentar os salários e baixar o custo

AMNISTIA PARA AS VÍTIMAS DO TERROR FASCISTA!

A reclamação duma amnistia a todos os presos, exilados ou perseguidos políticos ganhou já hoje uma repercussão nacional, não se reduz ao anseio de famílias, amigos ou correligionários. Dos mais variados sectores se erguem vozes que se manifestam por uma ampla amnistia. A campanha desenvolvida por alguns jornais da tarde, como «República», «D. Popular», «D. Ilustrado» e «D. de Lisboa» a favor duma ampla amnistia no final das Comemorações Henriquinas é bem o eco da vontade de todas as pessoas de coração que, de norte a sul do País, sentem quão injusta e desumana é a situação dos que nas prisões ou no estrangeiro sofrem o ódio dum regime tirânico.

Um tal fecho das Comemorações Henriquinas é digno do nosso maior aplauso. Mas a luta pela Amnistia não deve estancar nesta ou naquela data, ela deve persistir até à libertação do último preso, até ao regresso do último exilado, até à reintegração total dos demitidos e perseguidos. Por isso, é em nome dos mais elevados sentimentos humanos de justiça que insistentemente pedimos a todos: ajudem à luta pela amnistia!

Creemos que não há barreiras de ideologia política ou crença religiosa que determinem discriminações nesta campanha, pois nela só não cabe o punhado daqueles que comungam no ódio vesgo e nas torpezas de Salazar ou os que são seus submissos agentes policiais — propagandistas como os comentaristas da Emissora Nacional.

Quem de coração deixará de lavar o seu protesto contra o que de desumano e arbitrário se passa nas sedes da PIDE e nas masmorras fascistas? Torturas que vão até ao assassinato, julgamentos presididos por «juizes» abandalhados da série desembargado Silva Caldeira, sem que advogados e acusados possam fazer a sua defesa. Longos e longos anos de prisão — Francisco Miguel completou já 20 anos nos cárceres fascistas do continente e no Campo de Concentração do Tarrafal; alguns com as penas já cumpridas, como sucede a Manuel R. da Silva (que também conta já 20 anos de prisão) e M. Guedes; outros, presos sem julgamento há cerca de 3 anos, como Ivone Dias Lourenço e Rolando Verdial. Agravamento constante das condições prisionais, sem assistência médica adequada, com visitas por detrás dos vidros do parlatório e sob forte vigilância, sem poder trocar um gesto de carinho com os entes queridos; cerceamento cada vez maior da vida colectiva entre os presos.

Quem não ficará indignado com arbitrariedades e cinismos como, por exemplo, as que se cometem contra Maria Ângela, presa há 7

de vida, organizar «marchas de fome» para as sedes de concelho e de distrito afim de fazer ouvir a voz do povo e obter atenuação para os seus pedidos.

Só a luta obrigará o patronato e os governantes a darem solução imediata aos agudos problemas dos salários e da carestia da vida.

Trabalhadores, homens e mulheres, uni-vos e travai a luta!

anos, e cujo processo é negado a um dos seus advogados por este ser desprestigiante para a magistratura portuguesa; contra Mário Pedroso de Lima, cujo requerimento para ser urgentemente operado foi indeferido pela PIDE a pretexto de que este obedecia às ordens do Partido Comunista; contra o jovem democrata Nuno Duarte que, ao cabo de cumprida a pena de 4 anos, a PIDE diz «ninguém garantir que não esteja mais outros 4 anos preso»?!

Quem de coração não sente que isto é um verdadeiro atentado contra a vida de honrados filhos do povo e que é necessário actuar, fazer alguma coisa para lhe pôr fim?

Destacadas personalidades — exiladas umas, demitidas e perseguidas outras

Longe da Pátria vivem exilados destacados cientistas e homens públicos como os Drs. Manuel Valadares, Aniceto Monteiro, Pereira Gomes, Zaluar Nunes e, mais recentemente, o General H. Delgado, capitão Galvão, major Calafate, Dr. Rodrigo de Abreu, Dr. Manuel Sertório e o Bispo do Porto.

Dos seus lugares foram demitidos muitos funcionários do Estado, como os conhecidos professores catedráticos Pulido Valente, Fernando da Fonseca e Ruy Luís Gomes (para só citar os vivos); como os Drs. José Morgado; Urbano Tavares Rodrigues; Cesina Bermudes, Isabel Aboim Inglês, etc.

Quem não sente que o País tem de libertar-se, pela força unida dos esforços de todos nós, desta atmosfera de insegurança e de terror, de modo a que todos os portugueses se sintam livres e senhores na sua Pátria, sem peias a tolher a liberdade de expressão de pensamento e de actuação?

A solidariedade internacional, a que estamos profundamente gratos, é uma ajuda preciosa à nossa luta pela amnistia. Essa solidariedade vai de novo objectivar-se na 2.ª Conferência Sul-Americana Pró-Amnistia a realizar ainda este ano. Mas na vanguarda da luta pela amnistia em Portugal devem estar os portugueses. A nossa própria acção conjuntamente com a solidariedade internacional constituem uma força poderosa que cria condições novas à luta pela amnistia em Portugal.

O apelo pró-amnistia de todos os presos e perseguidos políticos deve correr de norte a sul do País, concretizar-se em acções individuais e colectivas. Comissões de luta pró-amnistia devem percorrer as casas das nossas cidades, vilas e aldeias e solicitar aos moradores a sua assinatura ou outra qualquer forma de contribuição à luta pela amnistia, como, por exemplo, uma carta, um postal, um telegrama dirigido ao Ministro do Interior, ao Presidente da República, à Assembleia Nacional e a outras autoridades.

Nas estradas, nas paredes, nos transportes colectivos, façamos inscrições e penduremos cartazes que reclamem AMNISTIA! AMNISTIA PARA OS PRESOS E PERSEGUIDOS POLÍTICOS!

AMNISTIA!

O desastre da Ponte da Arrábida PORQUE AUMENTAM OS ACIDENTES DE TRABALHO

No dia 1 de Setembro mais um doloroso acidente roubou a vida a 4 trabalhadores da ponte da Arrábida sobre o Douro quando procediam à montagem do cimbre.

Provou-se que a plataforma se virou por se ter partido o diferencial que a sustinha. As causas deste novo desastre — pois vários outros se têm dado nas obras da ponte — deve-se inegavelmente à incúria e ao ritmo acelerado com que decorre a construção. A obra onde se registou mais este acidente devia estar concluída em 15 de Outubro e por isso se trabalhava a mata-cavalos. Depois, apenas um engenheiro prestava assistência a uma obra de tanta envergadura e havia uma total ausência de fiscalização, pois os fiscais têm receio de subir ao cimbre.

Este desastre causou a indignação de todos os trabalhadores da ponte da Arrábida.

No dia em que se produziu, a empresa concessionária, Sécheron, foi forçada a parar os trabalhos por pressão dos trabalhadores.

Também todos os operários da obra da parte de Gaia, ao saberem do desastre que vitimou os seus 4 companheiros, entregaram em bloco os seus capacetes de trabalho e abandonaram a obra. Muitos milhares de pessoas, em especial trabalhadores, se incorporaram no funeral das 4 vítimas.

Este acidente é mais uma consequência da falta de segurança no trabalho que ameaça constantemente a vida dos trabalhadores.

O enorme aumento dos acidentes de trabalho deve-se à incúria e ao desprezo pela vida dos que labo-

ram e aos ritmos infernais de trabalho a que são submetidos.

O demagogo Ministro das Corporações procura através da televisão mostrar que os operários são os principais culpados dos desastres que lhes acontecem. Isto é uma falsidade.

Só a luta unida dos trabalhadores pode obrigar o patronato e as autoridades a cuidarem dos problemas de segurança no trabalho.

Que os trabalhadores constituam em cada local de trabalho comissões de segurança no trabalho que verifiquem as condições em que têm de realizar trabalhos perigosos e arriscados!

Que todos exijam medidas para defender as suas vidas, recusando-se a trabalhar em condições de segurança precária e reclamando uma fiscalização séria das condições em que são forçados a trabalhar!

NOVA LUTA NOS ESTALEIROS DE VIANA

A gerência dos Estaleiros Navais de Viana do Castelo resolveu fechar no dia 20 de Agosto, feriado da cidade, não pagando o dia ao pessoal. Mas os operários não se conformaram com isto e depois de uma diligência no sindicato obtiveram a realização de horas suplementares para compensar o feriado.

Contudo, depois de andarem a trabalhar mais uma hora por dia para não terem a fêria desfalcada, os operários viram indignados no fim da semana que a empresa não lhes pagava o salário completo porque as horas de compensação ainda não perfaziam um dia.

Logo nessa tarde, a grande maioria do pessoal largou o trabalho às 17 horas, recusando-se em sinal de protesto a fazer a hora extra de compensação. No dia seguinte, o movimento de protesto alastrou ainda mais e, numa esplêndida manifestação de unidade, praticamente todo o pessoal abandonou o tra-

balho às 17 horas, recusando-se de novo a fazer a hora suplementar, apesar das pressões e ameaças.

Esta acção dos trabalhadores dos Estaleiros de Viana do Castelo é mais uma prova do valor da unidade e do espírito de luta que os anima, em face da exploração e dos abusos da gerência. Eles devem continuar a acção até que lhes seja devolvido o dinheiro que ilegalmente lhes foi retirado do seu magro salário.

OS TÊXTEIS DE NEGRELOS CONTRA OS CASTIGOS

A empresa Narciso Guimarães determinou que os trabalhadores estejam na fábrica 10 minutos antes de começar o trabalho, o que lhe dá um rendimento de algumas horas de trabalho suplementar, que não pagam aos operários.

Sucedeu, porém que outro dia 20 operários chegaram à fábrica quatro minutos e meio antes da hora. A empresa aplicou-lhes um castigo de meio dia de trabalho gratuito.

Mas os operários logo que tiveram conhecimento de um tal castigo numa esplêndida manifestação de unidade não pegaram ao trabalho e recusaram-se a trabalhar, sem que um tal castigo fosse reduzido para uma hora.

Uma tal prova de firmeza é digna de louvor, mas em condições semelhantes a luta deve ir mais longe, até à abolição completa do castigo, pois os 20 trabalhadores encontravam-se na fábrica antes do começo do trabalho e em condições de ocuparem o seu lugar.

DESPEDIMENTOS NOS ESTALEIROS DA CUF

Foram despedidos desta empresa cerca de 75 operários (principalmente serventes) na semana que acabou em 20-8; alguns destes operários, tinham 20 anos de permanência na empresa.

Fala-se, entre os operários, que até ao fim do ano serão despedidos à roda de 600. Diz-se que isto será o resultado da projectada construção dum único estaleiro naval.

Também tem introduzido máquinas que reduzem o número de operários de certos serviços, como seja, uma que praticamente substitui os bate-chapas.

Operários dos Estaleiros, não permiti que os despedimentos contínuem seja qual for o pretexto que vos seja apresentado. Só a vossa tradicional unidade, e espírito de luta, pode impedir que tal aconteça, como pode também impor a readmissão dos vossos companheiros já despedidos. Que nenhum de vós esqueça que o perigo atinge a todos. Os vossos patrões pretendem, além de vos roubar o pão, roubar também as magras regalias conquistadas em dezenas de anos de lutas e de trabalho na empresa.

ALGUMAS LUTAS DA CLASSE OPERÁRIA

Como manifestação de protesto contra os baixos salários e a carestia da vida, os operários da empresa **Torrado, Lda.** (Lisboa) começaram a reduzir a produção. Apesar da pressão dos patrões e dos mestres, os trabalhadores mantiveram-se firmes na sua luta e acabaram por vencer, conquistando aumentos de 3\$00 e 8\$00.

Os corticeiros da quase totalidade das grandes e pequenas empresas da Cova da Piedade entregaram aos patrões pedidos de aumento de salários.

Nas obras da **Siderurgia** um encarregado dumha brigada de trabalhadores foi castigado com três dias por causa dumha discussão com um superior. Os trabalhadores da brigada recusaram-se a trabalhar nos dias de castigo se este não fosse retirado, o que, com a sua firme atitude de solidariedade, acabaram por conseguir.

Dargent — depois da entrega dumha exposição à gerência assinada por 110 operários dos mais mal remunerados, foi concedido um aumento geral de 2\$80 a 10\$00 por dia. Simplesmente acontece que foram precisamente os operários mais mal pagos aqueles que menos receberam.

Operários da **Dargent**: as necessidades são grandes para todos e ainda maiores para aqueles que menos ganham; se continuardes a vossa luta e mantiverdes a vossa unidade podeis alcançar um aumento igual para todos.



TRIBUNA DOS LEITORES

Companheiros, ou chicotes do patrão?

Recepção «espontânea»...

Quando da vinda do Sr. Eisenhower ao nosso país, estavam muitas crianças presentes à sua chegada a Queluz e os salazaristas apresentaram isto como uma demonstração de carinho e consolação para o compenstar dos «despostos» sofridos em Paris.

Como foi conseguida a comparência das crianças? Simplesmente assim: a Pide foi aos colégios Júlio Dinis, Almeida Garrett e outros e intimou os professores a não darem aulas e a comparecer com os alunos ou alunas.

Claro, para os Salazar-fascistas foi mais uma manifestação «espontânea», naturalmente porque os crianças sabem muito bem quanto o sr. Eisenhower é um «paladino da Paz» e foram agradecer-lhe esse futuro negro... que não o será porque os pais de todas as crianças do mundo têm forças suficientes para enfiarem um coleite de forças a todos esses loucos que querem mergulhar o mundo na guerra.

Correspondente de Queluz

Aumenta a exploração nos Horias

GUIMARÃES — Na fábrica de calçado dos Horias as cravadeiras são obrigadas a dar a média de 800 pares cravados por dia, mas o encarregado exige 1.000, produção que é impossível atingir, sem trabalhar mais 2 horas por dia que não nos são pagas. Quando não atingimos 800 pares somos multados. É assim que procedem, para nos obrigarermos a um trabalho danado, que nos arruína a saúde e lhes enche as algibeiras.

Temos reclamado contra esta exploração, pois não podemos fazer tanto esforço. Em resposta o patrão ameaça-nos com o despedimento.

Isto acontece quando há muitas encomendas, pois quando há poucas as cravadeiras ficam em casa os dias que convém ao patrão, não nos pagando sequer os três dias de trabalho por semana como manda a lei.

Só a nossa luta pode acabar com esta exploração.

Uma Cravadeira

Foi observada por vários indivíduos a maneira de um cravador trabalhar. Este serviço é bastante violento, tanto para o cravador como para o encostador dos rebites: a chapa é ajustada e o cravador sem erguer as costas, tem que cravar o rebite e desaperi-lo (o que não lhe compete) e assim está trabalhando. Chega junto dele um «operário chefe» que olha, ri e manda cravar doutra maneira, e põe-se a sorrir para outro encarregado diz: «isto é meriolo holandês».

Estes «operários chefes» que policiam os trabalhadores, não os deixando sequer erguer as costas, esquecem-se que não dão o mínimo esforço físico (e por vezes técnico) e que são os operários que têm de trabalhar para eles. Os cavalheiros têm automóveis e amantes, comem e bebem do melhor, não fazem nada e ainda por cima se julgam com o direito de achincalhar os companheiros.

Operários da «Colonial»: criemos a nossa unidade e lutemos pelos nossos direitos (aumento de salários, etc) e desprezemos estes laços dos patrões.

Um operário da «Colonial»

Contra as multas e os castigos

FELGUEIRAS — Na fábrica de formas do calçado do **LOPES DE SANTA COMBA** trabalhamos apenas 5 dias por semana, o que aumenta ainda mais a nossa situação de miséria, pois os salários são baixos e lutamos com grandes dificuldades, para fazer face aos encargos de família. Pelos mais simples motivos somos multados com 2 e 3 dias e às vezes mesmo com 5, o que nos faz chegar ao fim da semana com as mãos vazias.

Há 5 meses que não recebemos abono de família, embora continuem a descontar-nos dos nossos magros salários.

Além disto, nesta mesma empresa o patrão não paga os dias que a própria lei manda, para o período de parlo a paz o luto.

Só nos unirmos e protestarmos junto do patrão e do sindicato forcarmos os patrões a pôr fim a esta brutal exploração e aos abusos que cometem.

Um correspondente

O «Paternalismo» dos Patrões

Do aumento geral que houve na Dargent, que variou entre 2\$80 e 10\$00 não beneficiou um operário. Esta, que tem 6 anos de casa, não foi aumentado e para mostrar o «paternalismo» do patronato explorador citamos o seu caso. Há dois anos esta operário estava com baixa à Caixa de Previdência e à «Mutualidade» e atingiu as 90 faltas no conjunto daquelas. No escritório disseram-lhe que em virtude disso não tinha direito à licença, o que o forçou a ir informar-se ao Tribunal do Trabalho, onde lhe disseram que tinha direito, porque a baixa à «Mutualidade» não contava para as faltas. De novo lhe recusaram a licença no escritório e novamente foi ao T. T. onde marcaram um prazo, findo o qual convocaram o operário e um representante da firma para ir ali. Este diz desconhecer o que se passava e, intimado pelo tribunal, concede a licença ao operário. Depois começa a perseguição (é enviado sempre para os trabalhos inferiores, etc.) que culmina agora com a recusa em lhe conceder o aumento a que tinha direito, o que o levou a despedir-se.

Operários da Dargent, esta companheiro não andou tem em despedir-se; ele devia proceder como no caso da licença, isto é, devia lutar por este novo direito que lhe era recusado até vencer, no que certamente seria ajudado por todos os colegas, pois todos sentiram que era mais uma injustiça que os exploradores estavam a fazer. Um operário metalúrgico

A exploração nos Mármoreos Pereira & C.ª

GUIMARÃES — Na oficina da Mármoreos **PEREIRA & C.ª** a exploração dos operários é verdadeiramente revoltante. Ganhamos baixos salários e somos ainda explorados de forma desumana, pois tratam-nos como verdadeiros escravos.

O encarregado obriga-nos a trabalhar fora de horas e ameaça constantemente de nos pôr na rua, com o objectivo de nos forçar a dar ainda maior rendimento. Além deste tratamento que a todos revolta, o patrão não nos paga as horas extraordinárias, o que torna ainda mais difícil a nossa existência.

Esta situação exige de todos os trabalhadores desta oficina mais união e disposição de luta.

Um operário



MAIS CASAS PARA AS FAMÍLIAS SEM LAR! MENOS DESPESAS COM AS FORÇAS ARMADAS!

Os fascistas, em especial os demagogos ministros da Presidência e das Corporações têm enchido a boca e as colunas dos jornais com balelas acerca da solução do problema habitacional!

Entretanto, o problema da habitação para as classes trabalhadoras agrava-se de dia para dia, particularmente nos grandes centros industriais, onde só se constroem casas para os ricos, como é o caso das cidades de Lisboa e do Porto.

A desigualdade entre os ricos e os pobres é chocante no nosso país, e essa desigualdade tem sido avolumada de dia para dia com o regime fascista no poder.

Segundo o Censo populacional de 1950, havia em fins desse ano em Portugal 7.864 famílias ricas que viviam em casas com mais de 15 divisões por família, tendo 1.253 dessas famílias ricas menos de 4 pessoas por família. Em compensação, havia 220.358 famílias pobres que viviam numa única divisão, tendo 33.127 dessas famílias pobres mais de 5 pessoas por família!

Esta tem sido a política habitacional do governo de Salazar, que só cuida dos interesses da grande burguesia capitalista e votou ao maior abandono as classes trabalhadoras, aqueles que produzem a riqueza.

Nas grandes cidades a vida das classes trabalhadoras, no que diz respeito à habitação, é cada vez mais sombria. Ainda segundo o Censo de 1950, havia nesse ano na cidade de Lisboa 52.972 famílias vivendo em partes de casa, ou seja — a uma média de 4 pessoas por família — mais de 200.000 pessoas, a quarta parte da população da cidade, a viver em partes de casa!

Naturalmente que estas 52.972 famílias vivendo em Lisboa em partes de casa são famílias de trabalhadores, não são as famílias dos ministros de Salazar, nem os banqueiros e potentados da finança, pois estes vivem nas casas acabadas de construir, com todos os requisitos da higiene e do conforto, onde pagam rendas de 3 a 6 contos por mês e onde dispõem de 10 a 15 divisões por família. Podemos afirmar que a situação é hoje ainda mais grave que em 1950.

É a classe operária que luta com maiores dificuldades para encontrar um lar, pois as casas de rendas caras são incompatíveis com os seus baixos salários. Ainda há dias um jornal salazarista, «O Século», era obrigado a reconhecer que «os habitantes verdadeiramente pobres das grandes cidades continuam condenados a viver em abarracamentos de pau e lata, por os seus recursos não lhes permitirem pagar as rendas que lhes pedem pelas habitações denominadas económicas e muitas vezes o são apenas no nome».

Segundo um inquérito feito há anos pelo Centro de Assistência Social Infantil de Alcântara, em Lisboa, num conjunto de 800 famílias vivendo nos bairros de Alcântara e de Santos (bairros caracterizadamente operários), havia 28 por cento das famílias a morar em um único quarto e 18 por cento a viverem em duas divisões. Quanto ao número de leitos, verificou-se

que havia uma única cama para cada uma de 105 famílias, algumas com 7 pessoas, e apenas 2 camas para cada uma de 267 famílias, das quais algumas eram constituídas por 10 pessoas!!!

Esta a trágica situação de milhares de famílias operárias! Esta a degradante situação a que 34 anos de governação fascista conduziu o povo português!

Não digamos que os governantes salazaristas desconhecem esta tragédia que aflige as classes trabalhadoras. Um deputado salazarista, Amaral Neto, revelou na chamada Assembleia Nacional, em 1953, que existiam em Lisboa 10.000 barracas clandestinas feitas de pedaços de tábuas e de latas velhas.

Um outro, Galeano Tavares, afirmou que existem na cidade do Porto, 1.153 «ilhas» com 13.594 casas sem ar e sem luz, concentrando-se o maior número dessas «ilhas» nas freguesias de Cedofeita, Santo Ildefonso e Campanhã.

Segundo um relatório da Comissão Organizadora da Caixa de Previdência da Indústria Têxtil, do Porto, 95 por cento dos têxteis do Porto habitam dentro da cidade, mas dois terços deles «acantonam-se em «ilhas», e um sexto amontoa-se — é o termo — em quartos ou partes de casa, dessas habitações ígubres, sem ar nem luz, subdivididas e sublocadas».

Que dizer dos bairros de miséria e da alta mortalidade que se estendem à volta de Lisboa (Furnas de Monsanto, Casalinho da Ajuda, Curraleira, Sete Moínhos, Avenida de Ceuta, Vale Escuro, Picheleira, Chelas, Bairro chinês, Algés, Pontinha, etc) ou em volta do Porto (Xangai, Serra do Pilar, Corticeira, Carvalheiras, etc), ou em volta de Almada, do Barreiro, de Setúbal, de Coimbra, onde se amontoam milhares e milhares de barracas imundas e onde algumas centenas de milhar de trabalhadores são forçados a viver na mais repugnante promiscuidade, vítimas de toda a sorte de doenças infecciosas?

Em 34 anos de governação fascista que fez o governo para sanar esta situação trágica de grande parte do povo português?

Que há de concreto por detrás da propaganda demagógica e das afirmações mentirosas dos governantes e da imprensa salazarista?

Um deputado salazarista, o Prof. Almeida Garrett, disse na Assembleia Nacional que até 1956, foram construídas 2850 casas para famílias pobres, mas são presenças 94.580 casas, havendo portanto um déficit de 91.790 casas.

Para as famílias remediadas foram construídas 1.592 casas de renda económica, mas são precisas 48.000, havendo também um déficit de 47.132 casas.

Isto, segundo os cálculos dos próprios fascistas que, em geral, silenciam as causas do mal e lhe diminuem a sua verdadeira extensão.

Porque se não constroem mais casas para a classe operária e para os outros trabalhadores?

A resposta é simples: porque o governo de Salazar não está interessado nisso! Porque é um governo inimigo das classes trabalhadoras!

As casas chamadas de renda económica construídas têm sido fun-

damentalmente financiadas com os fundos das Caixas de Previdência e do Comissariado do Desemprego — dinheiro arrancado aos magros salários dos trabalhadores — e em reduziíssima escala com os fundos do Estado. Um exemplo concreto: no Orçamento Geral do Estado para 1959, a parte que cabe às Caixas de Previdência é de 70 mil contos, ao passo que a que cabe ao Estado é só de 10 mil contos.

Dez mil contos para resolver um dos problemas mais prementes do povo português!

Porquê tão ridícula verba!

Porque gastou nesse ano 280 mil contos com as forças militares destacadas para as colónias; porque gastou mais 6.000 contos com a compra de novo material de guerra para equipar a PSP e a GNR; porque gastou 346.240 contos com a compra de mais armamento para o Exército, às ordens dos seus patrões norte-americanos. Canhões e repressão em vez de casas!

Na República Popular da Roménia, que tem uma população dupla da de Portugal, foram construídas pelo Governo socialista, apenas em 2 anos, de 1953 a 1955, casas de habitação para mais de 50.000 famílias. Em proporção com a Roménia deveríamos construir em 2 anos, casas para 25.000 famílias. Ora o governo fascista, em 34 anos, apenas construiu, ao todo, casas para 8.000 famílias...

Na cidade de Moscovo todos os dias acabam e são entregues à população 275 casas. Em todo o Portugal, cuja população é superior à da capital soviética, o sr. Teófilo Pereira promete-nos a construção de pouco mais de 5 casas por dia!

Que podemos concluir de tudo isto?

Que o governo fascista de Salazar é incapaz de resolver este como tantos outros agudos problemas nacionais e que só a luta das massas populares pode obrigar, nas condições do fascismo, os governantes a cuidarem mais da habitação do povo.

UM DIGNO PARENTE DO SR. SANTOS COSTA

O sr. Santos Costa ao deixar o Ministério da Defesa deixou algumas sementes pelas várias armas. Os seus homens contam, como é natural, com a protecção dos governantes, interessados em fazer subir de novo à cena política aquele militar monarca-fascista.

Pois um primo do sr. Santos Costa, o capitão Ferreira (comandante de formação e gerente do bar da Base Aérea de Sintra) mandou construir dentro da Base um «palacete» para o cãozinho do sr. comandante Coronel Tito Pavia, como surpresa no seu regresso de férias. O tal «palacinho» canino tem 4 divisões e chuveiro (!) e foi orçado em 12 contos! Possivelmente também esta «obra» não foi a concurso... como as do capitão Magro Romão e as do sr. Santos Costa...

Onde vão buscar eles o dinheiro para estas «supresas»?

Os soldados da Base Aérea de Sintra respondem justamente: «É por isso que nós comemos tão mal!

Policia, cadeias e quartéis não faltam E LICEUS?

Todos os anos, por esta altura, se assiste às mesmas andanças propagandísticas do ministro e subsecretário da Educação para «resolver», dizem eles, o problema das instalações liceais que não chegam para os alunos inscritos.

Angustiadamente, os alunos e suas famílias vivem dias e dias na expectativa. Ao cabo e ao resto, com remédios muito mal deitados e com medidas que prejudicam altamente os interesses dos alunos, quer de saúde, quer de aproveitamento, lá ficam como sardinha empilhada em canastra.

O problema não fica resolvido nem de longe e a prova é que, de ano para ano, ele surge sempre e sempre agravado. Só em Lisboa, mais 3.000 alunos do que o ano passado requereram matrícula. Que medidas toma o governo? O governo ilude a solução do problema pura e simplesmente, quer através do aumento de lotação das turmas, quer através do desdobraamento de serviço dos professores, quer orientando para um «apertar» cada vez maior das provas de exame e dos pontos de passagem, para forçar muitos alunos a sair para os colégios. Outras vezes recorre a autênticos barracões sem as mínimas condições de escolas.

Em Fevereiro deste ano, dizia o ministro Leite Pinto que o aumento do número de alunos internos dos liceus fora de 42.500 para 43.300 e nos colégios particulares de 42.400 para 47.000. Só num regime fascista, de costas viradas para a instrução popular e empenhado numa política obscurantista, se compreende que o ensino particular — mais caro e com menos vantagens — seja mais frequentado que o oficial.

Por que não há liceus?

Porque, como governo fascista que é, não lhe interessa a cultura do povo. O que importa é a militarização da juventude — e não faltam quartéis, nem armamento —; o que importa é a opressão do povo para melhor o explorar — e não faltam polícias, nem postos da PIDE, nem esquadrões, nem quartéis da GNR, nem cadeias.

Que admira? Em 1959, por exemplo, a despesa extraordinária orçada para os liceus e de 651 mil para a defesa dita nacional e a segurança dita pública, isto é, perto de 39 vezes mais!

Nem outros poderiam ser os frutos dum regime tirânico e fascista. O problema do ensino é um problema nacional e dos mais candentes. Para que ele seja resolvido, o povo português tem que actuar em duas frentes convergentes: uma, específica, com o desmascaramento contínuo da sua política obscurantista, os protestos massivos de todos os interessados, de modo a obrigar o governo a tomar medidas. Outra, mais vasta, é a luta geral pelo derrubamento do próprio regime. Porque só um governo democrático, ligado ao povo, pode resolver profundamente o problema do ensino em Portugal.

COMO SALAZAR RESPONDE AOS LEGÍTIMOS REPRESENTANTES DO POVO DE ANGOLA

A situação nas colónias portuguesas, e sobretudo em Angola, agrava-se de dia para dia. Procurando abrir o caminho para que se resolva um estado de coisas insustentável, o Movimento Popular de Libertação de Angola tornou pública uma declaração da maior importância política, que a seguir transcrevemos:

DECLARAÇÃO AO GOVERNO PORTUGUÊS

«O MOVIMENTO POPULAR DE LIBERTAÇÃO DE ANGOLA (MPLA) declara solenemente, perante a opinião mundial, que a política que o governo português vem praticando em Angola, é uma política de preparação febril de uma guerra colonial»

Desde há vinte anos, o governo português vem negando e reprimindo, com violência crescente, a expressão das reivindicações políticas, económicas, sociais e culturais do povo angolano.

Personalidades responsáveis do governo português deixam ver nitidamente, através de frequentes declarações, que a recusa dos direitos fundamentais do homem ao povo angolano, assim como os intensos e sistemáticos preparativos militares e o recrudescimento da repressão contra os patriotas angolanos têm em vista criar condições que sirvam de pretexto ao governo português para desencadear, dentro de pouco tempo, uma «guerra preventiva» contra o povo de Angola.

A dominação colonial sobre o povo angolano é a causa de uma série de condições e de medidas opressivas que poderão, em breve, provocar uma situação em que correrá o sangue inocente do nosso povo.

Desde já, o MPLA denuncia todas as tentativas de extermínio do povo angolano pelas forças colonialistas, e declara que, de acordo com os princípios fundamentais da Carta das Nações Unidas, se oporá enérgicamente a tudo quanto leve à prática de tal crime.

O MPLA, incarnação da vontade do povo angolano, afirma a sua determinação de liquidar, urgentemente e por meios pacíficos e democráticos, o domínio colonial português em Angola.

É porém evidente que a solução pacífica do problema colonial em Angola, de cuja agravamento constante é unicamente responsável o governo português, dependerá das acções concretas desse governo em relação ao dito problema.

O MPLA, como porta voz do povo angolano, declara que consideraria como primeiro sinal da rejeição da via armada por parte do governo português, a realização urgente e efectiva, pelo governo em causa, das seguintes proposições:

- Reconhecimento solene e imediato do direito do povo angolano à auto-determinação;
- Amnistia total e incondicional e libertação imediata de todos os prisioneiros políticos;
- Estabelecimento das liberdades públicas, nomeadamente a de formação legal de partidos políticos, e garantias concretas para o exercício efectivo dessas liberdades;
- Retirada imediata das forças armadas portuguesas e liquidação imediata das bases militares existentes no território angolano;
- Convocação, até ao fim do ano de 1960, de uma Mesa Redonda constituída por representantes de todos os partidos políticos angolanos e por representantes do governo português, para a solução pacífica do problema colonial em Angola, no interesse das partes em presença.

No interesse do povo angolano e, acreditamos, no interesse também do povo português, reafirmamos o nosso desejo de liquidar a dominação colonial portuguesa em Angola por meios pacíficos e democráticos, através da negociação.

Em virtude do que precede, o povo angolano e o MPLA responsabilizam o governo português de todos os acontecimentos sangrentos que venham a dar-se em Angola.

Impõe-se-nos o dever de advenir à opinião mundial.

Feita em Conakry, em 13 de Junho de 1960
Pelo Comité Director do
MOVIMENTO POPULAR DE LIBERTAÇÃO DE ANGOLA
Viriato Cruz, Mário de Andrade, Lúcio Lara

Deste modo, os patriotas angolanos põem de parte todo um passado de opressão cruel para abrir a porta à possibilidade de Angola alcançar a independência sem ser através da perda de mais vidas humanas.

Mas qual é a resposta do governo de Salazar?

Todos os factos confirmam que o fascismo português encara uma única saída para a situação presente: a guerra. A guerra não é já uma perspectiva incerta e longínqua, ela começa a ser uma realidade sangrenta nas colónias portuguesas.

Depois do repugnante massacre de Scolo Bengo, que noticiamos no último número do nosso jornal, chegam notícias de novas acções terroristas: em Cabinda, as tropas portuguesas dispararam sobre uma manifestação pacífica de africanos, fazendo dois mortos e muitos feridos. Assim, a viagem a Angola dos sanguinários dirigentes da PIDE, cap. Homero de Matos e Porto Duarte, manifesta-se já no seu verdadeiro carácter.

Ocupada por dezenas de milhares de soldados e paraquedistas, Angola é um barril de pólvora que pode explodir dum momento para o outro.

O mesmo se pode dizer das outras colónias.

No norte de Moçambique, sabemos que se deu um novo crime dos colonialistas portugueses: co-

mo algumas centenas de trabalhadores se tivessem recusado ao trabalho forçado e se concentrassem em frente da administração local, foram chamados reforços que abriram fogo, matando muitos africanos.

Na Guiné, os roceiros da CUF, responsáveis pelo bárbaro massacre do cais de Pijiguiti, que provocou a indignação em todo o mundo, têm ordenado prisões entre os trabalhadores negros. São muitos os guineenses que se refugiam nos países vizinhos para escapar à perseguição dos colonialistas portugueses.

Em Timor, três centenas de patriotas sofrem em campos de concentração, enquanto muitos outros são deportados. Ainda recentemente, o lutador timorense Francisco de Araújo e os seus onze companheiros foram levados da fortaleza de Caxias para o sinistro Forte Roçadas, em Angola, onde se vão juntar a dezenas de compatriotas seus, que lá pagam o «crime» de lutar pela libertação da sua pátria.

Sobre todos os portugueses recai uma grave responsabilidade no momento em que os povos das colónias lutam pela sua independência. É preciso impedir que o governo de Salazar desencadeie a guerra, reclamando o regresso dos soldados e a abertura de negociações com os representantes legítimos dos povos de Angola, Guiné, Moçambique, Timor, etc.

OS JOGOS OLÍMPICOS E A VERGONHOSA REPRESENTAÇÃO NACIONAL

Os Jogos Olímpicos de Roma de 1960, recentemente terminados, foram uma eloquente demonstração do grau de desenvolvimento físico e de vitalidade dos diversos povos que a eles concorreram.

Apesar dos esforços dos defensores do capitalismo para esconder as verdadeiras causas das enormes diferenças verificadas na tabela de classificações entre os países socialistas e capitalistas os factos são eloquentemente esclarecedores e não podem deixar de suscitar comparações entre os dois sistemas.

A União Soviética ficou à frente da classificação geral. É elucidativo que apenas 6 países socialistas dum total de 44 que concorreram aos jogos, tenham ganho 60 das 152 medalhas de ouro, 50 das 150 de prata, 61 das 157 de bronze, isto sem contar com as que foram conquistadas pelos atletas da República Democrática Alemã que disputaram as Olimpíadas integrados numa única representação de toda a Alemanha, que obteve o 4.º lugar.

A esmagadora vitória dos países socialistas deve-se à solicitude do regime socialista pela saúde e desenvolvimento da juventude, pela crescente melhoria do seu nível de vida, pelos meios postos à disposição dos desportistas para a sua preparação técnica, pelo seu moral elevado.

A classificação de Portugal é uma vergonha para o país

A classificação da representação portuguesa é uma vergonha para o nosso país. Portugal obteve uma única medalha (de prata) nas provas de vela, que, como se sabe, é em Portugal um desporto apenas acessível às classes privilegiadas. Quase todos os nossos atletas foram eliminados logo nas primeiras provas. O mais pequeno país socialista, a Bulgária, de área e população sensivelmente iguais às nossas, obteve mais 26 pontos que Portugal.

A que se deve a pobreza do desporto português? Porque é cada vez maior a diferença que nos se-

para dos restantes países?

As causas desta vergonhosa situação residem no baixo nível de vida do nosso povo, na falta de protecção à juventude, na carência de condições para que possa dedicar-se ao desporto e à vida sã, na falta de parques e campos desportivos, no baixo nível técnico da nossa preparação física, e ainda na asfixiante ingerência do governo em todos os aspectos da vida interna dos clubes.

Num país onde o Estádio Nacional é utilizado pouco mais de uma vez por ano, onde as manifestações desportivas são unicamente consideradas como fonte de receitas públicas e onde os melhores valores do desporto nacional estiolam por falta de protecção adequada, outra coisa não é de esperar.

A nossa juventude ama o desporto como a juventude de todos os países; os nossos atletas têm energia e vontade como os atletas dos outros países. Alguns como Manuel de Oliveira, Manuel Faria, Pedro de Almeida, José de Araújo e outros, teriam todas as condições para representarem dignamente o país em competições internacionais se se lhes proporcionasse outras condições de preparação. Os nossos técnicos desportivos poderiam desempenhar-se melhor da sua tarefa se lhes fosse proporcionada a frequência dos melhores centros estrangeiros de preparação desportiva e contactos mais estreitos com as grandes manifestações desportivas internacionais. Mas natural-

NOVA CONCENTRAÇÃO NA CARRIS

No dia 20 de Agosto, os operários das oficinas da Carris resolveram ir de novo à Gerência para insistir na sua reclamação de um aumento geral de salários.

A primeira reacção dos administradores, mal souberam da decisão do pessoal, foi fazer telefonemas ameaçadores para todas as secções, dando ordem para que ninguém se concentrasse. A segunda ideia que lhes ocorreu, ainda mais «brilhante» que a primeira, foi mandarem chamar a PIDE com urgência.

Mas isto não chegou para amedrontar os operários: Ao bater do meio-dia, as oficinas esvaziaram-se e centenas de trabalhadores vieram concentrar-se em massa compacta em frente da gerência, onde apresentaram a sua reclamação. Nas ruas próximas, muitos operários da zona de Santo Amaro acompanhavam com interesse a acção dos seus camaradas da Carris, enquanto nos portões os agentes da PIDE rondavam como cães de fila.

O administrador D. Miguel Pereira Coutinho, grande tubarão da finança, teve a desfaçatez de responder aos operários que compreendia a sua reclamação porque ele também sente as dificuldades da vida... e o seu conselho foi, como de outras vezes, que os operários lutem pelo aumento dos bilhetes dos eléctricos se quiserem aumento dos salários, porque a Companhia não tem verba!

Depois de dispersarem, os operários comentavam com toda a razão: «Recebermos o aumento de salários à custa do aumento das tarifas, é entrar-nos o alfinheiro por um bolso para sair pelo outro».

É por compreenderem isto que os operários se recusam a colaborar no pedido de aumento das tarifas e têm manifestado o seu desagrado não fazendo as horas de «compensação» dos feriados.

Companheiros da Carris! A vossa luta está despertando a simpatia de todo o operariado de Lisboa. Mas para alcançar a vitória, é preciso que uma verdadeira comissão esteja à frente do pessoal de todas as secções. Sem direcção o vosso movimento não pode triunfar! Unidos e organizados, podereis continuar a lutar com mais energia, indo mesmo para o trabalho lento como protesto, se os tubarões da Carris continuarem surdos à vossa reivindicação.

No «Avante!» N.º 288 por erro de informação, noticiámos que 2.000 trabalhadores tinham participado na concentração de Fevereiro, em frente da gerência quando o seu número foi de 700.

mente isto não interessa ao fascismo salazarista nem aos monopólios que ele representa no poder. Por outro lado, para se comprarem canhões e aviões para o massacre dos povos coloniais não se podem construir estádios e parques desportivos para a juventude.

Eis porque a primeira condição de revigoramento do desporto nacional, consiste em afastar do poder Salazar e a sua camarilha.

AMIGU E LUTADOR, AUXILIA FINANCIAMENTE O AVANTE!

«TRANSFORMEMOS AS ESPADAS EM ARADOS!»

(continuação da 1.ª pág.)

fiscalização apropriadas. Mas controle com desarmamento, e não actos de espionagem para desencadear a agressão.

Kruschov afirmou a disposição do governo soviético de entrar em negociações imediatas sobre o desarmamento, defendendo a participação nelas da China Popular e a prévia admissão dos legítimos representantes do povo chinês na ONU, assim como a participação dos Estados neutrais.

Acabemos com o colonialismo!

A existência do colonialismo é uma vergonha na nossa época. Acabar com o colonialismo sob todas as suas formas é uma tarefa de toda a Humanidade.

Kruschov atacou a política colonialista das grandes potências capitalistas que estão interessadas em se apoderar das riquezas e das matérias primas dos países coloniais. Em especial denunciou os maneios imperialistas no Congo destinados a manter sob tutela esta jovem nação africana. Defendeu a legalidade do governo de Lumumba e atacou a parcialidade do Secretário Geral da ONU no Congo, onde fez o jogo dos colonialistas, não actuando em conformidade com as resoluções do Conselho de Segurança. Finalizando os seus ataques à política colonialista, Kruschov submeteu à Assembleia da ONU uma declaração de independência de todos os povos sob domínio colonial ou em regime de mandato, que é um verdadeiro chamamento à libertação dos povos ainda subjulgados pelo colonialismo. A «Declaração» preconiza as seguintes medidas:

1.º Concessão imediata da completa independência a todos os países coloniais, territórios sob curadoria e outros não autónomos de acordo com a vontade e o desejo livremente expressos pelos seus povos.

2.º Eliminação das posições colonialistas sob a forma de concessões e áreas arrendadas dos territórios doutros estados.

3.º Respeito de todos os Estados pelas cláusulas da Carta da ONU e da «Declaração» assim como pelos direitos soberanos e integridade territorial de todos os Estados sem excepção.

Kruschov salientou que a libertação de mais de 100 milhões de pessoas que ainda vivem sob o regime colonial e a liquidação total do colonialismo daria um grande impulso ao progresso técnico e seria a maior contribuição para o desanuviamento internacional.

Nikita Kruschov denunciou também o acolhimento inamistoso e as dificuldades levantadas às várias delegações pelo governo dos Estados Unidos — o que é contrário às obrigações que contraíu com a ONU.

O seu discurso foi um vibrante apelo à paz mundial e ao entendimento entre os povos.

O povo português deseja a paz! Liberdade para os povos submetidos pelo colonialismo português!

O nosso povo acolheu com vivo

interesse a realização da Assembleia Geral da ONU e às propostas a ela apresentadas por Nikita Kruschov. O povo português está vitalmente interessado na defesa da causa da paz, no desarmamento geral e completo, no estabelecimento de relações amistosas e pacíficas com todos os povos do mundo.

Contra a política provocadora e belicista do governo de Salazar, contra o seu criminoso enfeudamento à política de guerra dos Estados Unidos e dos revanchistas alemães, o nosso povo ambiciona libertar-se para sempre da ameaça da guerra e dedicar a fins benéficos ao país as verbas fabulosas atribuídas a fins militares.

Em período algum do passado se registaram tantos perigos, tantas visitas, inspecções e manobras da NATO, tantos actos concretos de transformações do país numa base militar das forças de agressão imperialistas.

As visitas de Strauss a Portugal e de Botelho Moniz e Marcelo Matias à Alemanha, França e Espanha; as entrevistas de Salazar com Eisenhower e Franco, a criação em Lisboa dum dos comandos militares da NATO e outros actos indicam que estão em vias de instalar-se em Portugal bases alemãs e americanas de armas atómicas e nucleares e rampas de lançamento de foguetões, cuja construção parece já ter-se iniciado.

A estes conlujos e actos de natureza bélica acresce, porém, a febril preparação dum aventura guerreira contra os povos dominados pelo colonialismo português.

A criação de um comando unificado para Angola e Moçambique e de um corpo da força aérea para as colónias, o envio mensal de contingentes que excedem os 500 homens para Angola, Moçambique e Guiné (fala-se que só em Angola o governo projecta concentrar 60 mil homens), o envio de paraquedistas para as colónias de África, o reforço excepcional do aparelho repressivo nestas regiões e, por

último, o selvático massacre de populações nativas indefesas, mostram que o governo fascista iniciou já, de facto, uma criminoso aventura armada contra os povos coloniais, irremediavelmente condenada à derrota.

Estes perigos para a nossa vida pacífica e a caudalosa sangria dos dinheiros da nação para fins militares e repressivos exigem que o nosso povo organize e intensifique a luta pela paz, que apoie por todas as formas a acção dos povos pacíficos a favor do desarmamento geral e completo e da liquidação do colonialismo.

Para travar a batalha da Paz nunca foi tão necessária a unidade de todos os portugueses que anseiam encaminhar o país na via do progresso pacífico.

O nosso povo lutará pela paz não só secundando a acção internacional pelo desarmamento e

pela interdição das armas atómicas e nucleares, como reclamando a proibição da construção de rampas e bases estrangeiras no território nacional incluindo a saída das forças americanas das Legens, a retirada de Portugal da NATO, o regresso imediato das tropas expedicionárias que se encontram em Angola e a suspensão do envio de novos contingentes, protestando contra os preparativos de guerra colonial e reclamando a concessão imediata da independência aos povos dominados pelo colonialismo português.

Os exemplos de milhares de partidários da paz que têm dirigido petições ao governo neste sentido, e a organização de acções e manifestações em todo o país a favor da paz podem obrigar o governo a recuar na sua política insensata e a atender os anseios de paz do nosso povo.

FOI ASSASSINADO HÁ 18 ANOS O FORJADOR E GUIA DO NOSSO PARTIDO BENTO GONÇALVES

A 11 de Setembro de 1942, mais uma vida tombava no Campo de Concentração do Tarrafal. O salazarismo consumava mais um crime, roubando ao povo português e ao Partido Comunista o seu dirigente querido **Bento Gonçalves**. Neste 18.º aniversário da sua morte recordamos a intensa actividade revolucionária do Secretário-Geral do Partido, as suas elevadas qualidades de dirigente capacitado e firme do proletariado português. **Bento Gonçalves** foi o verdadeiro forjador do Partido à luz dos princípios marxistas-leninistas, transformando-o num Partido ligado às massas, que começou a desempenhar na vida nacional o seu papel de vanguarda.

Da intervenção que, em nome do Partido Comunista Português, apresentou ao VII Congresso da Internacional Comunista, em 1935, destacamos as tarefas apontadas ao

Partido, que constituem um verdadeiro programa de actuação e ainda hoje mantém toda a sua actualidade:

1.º — «O desenvolvimento dum a actividade intensa sobre a frente da organização para vencer o atraso do Partido no domínio da consolidação orgânica da sua influência entre as massas...»

2.º — «Outro das nossas tarefas fundamentais é o trabalho entre os camponeses...»

3.º — «É necessário também consagrar uma atenção especial ao trabalho anti-imperialista e ao mesmo tempo vencer as debilidades e as falhas da nossa actividade na organização da luta pela defesa dos interesses dos povos coloniais oprimidos pelo imperialismo português, ajudá-los a condizer a luta até à sua completa libertação...»

4.º — «A aplicação da tática da frente única deve ser, no momento presente, a base de toda a actividade do nosso Partido... Esta tática é a única justa contra a ofensiva da exploração capitalista e para a ofensiva das massas contra o fascismo e para o derrubamento do sistema capitalista.»

FALECEU WILHELM PIECK PRESIDENTE DA REPÚBLICA DEMOCRÁTICA ALEMÃ

Com 84 anos acaba de falecer o camarada Wilhelm Pieck, presidente da República Democrática Alemã.

Velho militante do movimento operário alemão, Wilhelm Pieck,

companheiro de Karl Liebknecht e de Rosa Luxemburgo na revolução espartaquista de 1919 e fundador do Partido Comunista Alemão, foi, com Thaelmann, um dos mais destacados dirigentes do proletariado alemão na sua heróica resistência contra o advento do regime nazí.

Thaelmann foi aprisionado pela Gestapo e acabou por ser assassinado num campo de concentração hitleriano. Pieck, que conseguiu escapar-se dos algos do povo alemão e de milhões de patriotas doutros países, dedicou-se a dirigir do exterior a difícil luta da classe operária alemã nas terríveis condições do nazismo.

Juntamente com Dimitroff, Togliatti, Kusinen e Manuilsky fez parte do último Comité Executivo da Inter-

nacional Comunista até à sua dissolução em 1943. Mais tarde, quando na eminência da derrota hitleriana pelo glorioso Exército Soviético, se constituiu na União Soviética o Movimento Alemão Livre, Pieck foi um dos seus dirigentes como representante do Partido Comunista Alemão. Após a derrota do nazismo e a criação da República Democrática Alemã — que incarna as aspirações e tradições democráticas e progressivas do povo alemão — Wilhelm Pieck foi um dos obreiros destacados da fusão entre o Partido Comunista e o Partido Social Democrata da qual saiu o actual Partido Socialista Unificado de Alemanha, que dirige o novo Estado Socialista da Alemanha Oriental, ao qual preside.

Wilhelm Pieck enfileira na gloriosa pléiade de revolucionários alemães que deu ao proletariado mundial os dois fundadores da Internacional Comunista e do socialismo científico, Marx e Engels. O Partido Comunista Português endereça ao Partido Socialista Unificado de Alemanha e a todo o proletariado revolucionário alemão a expressão do seu grande pesar pelo morte do camarada W. Pieck.



A VIDA DE CÂNDIDA VENTURA CORRE PERIGO!

Soubemos que, já depois da sua prisão, Cândida Ventura adoeceu gravemente, encontrando-se em risco de vida.

No entanto, os carrascos da PIDE recusam-lhe a assistência médica indispensável e conservam-na em isolamento absoluto no Forte de Caxias, proibindo mesmo a sua família de a visitar! Cândida Ventura, que entregou toda a sua vida à causa da libertação do nosso Povo, precisa agora da solidariedade de todos os portugueses de coração.

Exijamos um tratamento humano para Cândida Ventura.

Com este número do «Avante!» sai um suplemento com rubricas dos amigos do Partido, num total de: 90.468\$70